



**LAGOA
DE ÓBIDOS**
CENTRO DE INTERPRETAÇÃO

AS CHEIAS DE INVERNO E A ABERTA

de Maximino Alves Martins

Este texto foi cedido pelo seu autor ao Centro de Interpretação da Lagoa de Óbidos, para fins de divulgação, e integra o livro "As Minhas Memórias" (2019), uma memória escrita da passagem de Maximino Alves Martins pela vida, por terras e locais, tradições e modos de vida.

PROMOTOR



PARCEIROS



FINANCIAMENTO



AS CHEIAS DE INVERNO E A ABERTA

Maximino Alves Martins

maximinoalvesmartins@gmail.com

Quando se aproximava o inverno e as chuvas começavam a cair com maior intensidade, se a *Aberta* da Lagoa fechava, o que acontecia por acção do arrastar das areias pelo vento e pelas marés, muitas vezes seguiam-se cheias que começavam por inundar os terrenos de várzea nos *Astins*, muito em especial os que não pertenciam à Casa Gama, pois esses eram defendidos por margens bastantes mais altas do Rio Arnóia e do Rio de Dentro e só em anos de cheias muito volumosas eram inundados pelas águas e essa defesa das várzeas do Gama acontecia, porque o proprietário, o sr. Faustino da Gama, era o principal responsável de uma Associação de Defesa das Várzeas e como se tratava de pessoa influente, conseguia que nas margens dos rios que circundavam as suas propriedades fossem lançadas a maior parte das terras retiradas do leito dos mesmos, deixando a margem contrária mais baixa e enfraquecida, pelo que o rio invariavelmente inundava primeiro os terrenos dos outros e só muito mais tarde acontecia às vezes, inundar os seus próprios terrenos.

Acontecia às vezes, que para retirar os últimos produtos da terra se tornava necessário o uso de bateiras, que passando por sobre os terrenos inundados permitiam que se retirassem as últimas beterrabas e abóboras, ou mesmo uma ou outra batata-doce.

Muitas vezes, as cheias, devido ao facto de a Lagoa estar sem contacto com o Mar, mantinham-se dois ou três meses sobre os terrenos, enchendo toda a zona dos juncais do Arelho e cobrindo de água também, as salinas existentes nas zonas das Charnecas e da Santa Rufina.

Nesse tempo, não existia ainda poluição em quantidade que prejudicasse a Lagoa e por isso apenas se juntavam as pessoas para *abrir a Aberta*, quando se tornava necessário começar a preparação dos terrenos, para as culturas primaveris.

Contactavam-se então homens no Vau, Arelho, Carregal, Foz do Arelho e Nadadouro, que se dirigiam de bateira para a praia da Foz junto ao mar, a fim de *picar* a Lagoa, assim era chamada a operação que consistia no seguinte: primeiro abria-se um sulco que ligasse a lagoa ao mar, depois na maré vazia, e como a água estava muito mais alta dentro da Lagoa, era o *peso* da própria água que arrastava a areia e abria em tempo recorde, um novo canal de ligação entre a Lagoa e o mar, depois de se abrir rapidamente o pequeno “dique” de areia, que separava as águas da Lagoa das do mar.

Quando isso acontecia, as águas iam descendo a grande velocidade nos extremos sul da Lagoa e nessa altura a maior parte do peixe – enguias e tainhas – que se encontravam na zona das salinas, iam-se encaminhando para as valas que circundavam as salinas que ficavam cheias, especialmente de tainhas e um ou outro robalo.

Aproveitando então os cestos de vime que se colocavam sobre os animais de carga muito em especial nas burras, fazíamos autênticas armadilhas tapando a passagem do peixe nas valas, que depois retirávamos para fora com os mesmos cestos.

Este peixe assim apanhado, era depois (nas casas com mais dificuldades económicas) *escalado* (bem aberto na parte da barriga para retirar as tripas e fazer a limpeza adequada do peixe e abertura até à espinha...), salgado e guardado, para depois ir sendo cozido com umas batatas e assim ser suprida a falta de peixe fresco, que então era de difícil aquisição, pelas dificuldades de transporte.

SOBRE MAXIMINO ALVES MARTINS

Maximino Martins nasceu no dia 2 de março de 1943, no Arelho, freguesia de Santa Maria do concelho de Óbidos.

Com 12 anos de idade ingressou no Seminário do Verbo Divino em Fátima e posteriormente no Seminário de Santarém, onde esteve por dois anos. Estudou na Escola Industrial e Comercial Rafael Bordalo Pinheiro, Caldas da Rainha, onde frequentou e terminou o Curso de Aperfeiçoamento do Comércio.

Foi funcionário da Direção-Geral do Tesouro nos serviços locais, tendo trabalhado na Tesouraria da Fazenda Publica de Óbidos e de Alpiarça.

Foi ordenado Diácono da Igreja Católica pelo Cardeal Patriarca Dom José Policarpo, na Igreja do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, no dia 27 de junho de 2004, tendo sido colocado nas Paróquias do concelho de Óbidos.

Conheça a ligação de Maximino Alves Martins à Lagoa de Óbidos em <https://memoriaparatodos.pt/portfolio/maximino-alves-martins/>

SOBRE O PROJETO MEMÓRIAS DA LAGOA DE ÓBIDOS

O projeto Memórias da Lagoa de Óbidos, enquadrado no programa Memória para Todos, foi promovido pelo Instituto de História Contemporânea / Centro República (NOVA FCSH) e pela associação KEEP, em parceria com o projeto "Centro de Interpretação para a Lagoa de Óbidos", do Orçamento Participativo Portugal (OPP), que, durante a fase de levantamento de informação local, identificou saberes, modos de fazer, formas de expressão, lendas e episódios que marcaram a história da Lagoa de Óbidos e das suas gentes.

Este projeto contou com a colaboração das instituições e de todos os cidadãos que quiseram partilhar as suas memórias, fotografias, objetos e outros testemunhos da Lagoa de Óbidos, património de todos nós.